Artigo original
https://doi.org/ 10.54260/eb.v38i145.942
ESTUDOS BÍBLICOS

Da insensatez à responsabilidade:

reflexões a partir da parábola de Lc 12,13-21

From foolishness to responsibility: reflections from the parable of Lk 12,13-21

Osni Pavão dos Anjos*

* Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Paraná) e em Psicanálise (Universidade John Kennedy, Buenos Aires). Pós-graduado em Psicanálise (Pontifícia Universidade Católica do Paraná). Doutorando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Brasil.

pe.osni@gmail.com

Recebido em: 01/02/2022

Aprovado em: 13/10/2022

Licença *Creative Commons*
CC BY-NC 4.0

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a parábola do rico insensato de Lc 12,13-21, apresentando o contexto, a estrutura do gênero textual, a semântica e os seus desdobramentos. Na busca pela atualização do seu conteúdo foram apresentadas reflexões críticas acerca da sociedade de consumo, assim como a tendência do homem moderno em acumular. Fazer laço exclusivamente com os bens materiais proporciona mais produção de objetos, mais demanda de consumo e, consequentemente, mais material descartável, colocando em risco toda a vida do planeta. A resposta de Jesus na parábola é um convite à responsabilidade, partindo da conversão pessoal, renunciando ao individualismo e abrindo-se para a experiência do cuidado e do encontro fraterno, formando laços sociais com o outro e com o meio em que vive.

Palavras-chave: Hermenêutica Bíblica. Acúmulo. Consumismo. Responsabilidade. Laço Social.

Abstract

The objective of this article is to analyze the parable of the rich fool of Lk 12,13-21, presenting the context, the structure of the textual genre, the semantics and its consequences. In the search for updating its content, critical reflections were presented about the consumer society, as well as the tendency of modern man to accumulate. Linking exclusively with material goods provides more production of objects, more demand for consumption and, consequently, more disposable material, putting all life on the planet at risk. Jesus' response in the parable is an invitation to responsibility, starting with personal conversion, renouncing individualism and opening up to the experience of caring and fraternal encounter, forming social bonds with each other and with the environment in which they live.

Keywords: Biblical Hermeneutics. Accumulation. Consumerism. Responsibility. Social Bond.

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

1 Introdução

A palavra "insensato" refere-se àquele que não possui "juízo", ou seja, que age de maneira inconsequente e irresponsável em suas atitudes. O adjetivo faz referência a uma pessoa que pratica seus atos sem temor e não tem consciência das suas ações.

Etimologicamente, a palavra "insensato" se originou a partir do latim *insensatus* que é formada pela junção do prefixo *in-*, que acresce o sentido de negação, e *sensatus*, que significa "precaução", ou "que tem bom senso". Portanto, literalmente o significado de insensato é "aquele que não tem bom senso".

No Evangelho segundo Lucas a palavra "insensato" aparece na narrativa da parábola sobre um homem rico que construiu celeiros novos e maiores para guardar sua colheita e seus bens acumulados.

A narrativa encontra-se no contexto do capítulo 12 no qual o evangelista narra uma sequência de três ensinamentos sobre o modo como o ser humano se relaciona com os bens materiais: o primeiro ensinamento parte da parábola sobre o "homem que ajunta tesouros para si, mas não é rico diante de Deus" (Lc 12,21); o segundo ensinamento, já na continuidade, é direcionado aos discípulos, convidados a abandonar-se à divina providência, a "buscar em primeiro lugar o Reino de Deus que as outras coisas serão acrescentadas" (Lc 12,31); e o terceiro ensinamento, muito característico do Evangelho segundo Lucas, convoca à prontidão para desfazer-se dos bens e distribuí-los aos pobres. O convite é para vender os bens e dar esmolas para adquirir um tesouro inesgotável no céu, "pois onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração" (Lc 12,34).

Neste artigo, propõe-se analisar o primeiro dos três ensinamentos (Lc 12,13-21), refletindo sobre a responsabilidade de cada um pelo cuidado da Mãe Terra, casa de todos. Sabe-se que as economias de mercado se baseiam na relação de troca, cujo fim último é acumulação que beneficia alguns poucos em detrimento do sofrimento de muitos. Essa realidade está tão profundamente arraigada nas sociedades que a busca pelo acúmulo e enriquecimento pessoal se tornou, para muitos, um fim em si mesmo.

A concentração dos bens nas mãos de poucos gera desigualdade, pobreza estrema e até morte. Mais que isso, faz emergir sujeitos egocêntricos que em seu individualismo não fazem laço social senão apenas com o dinheiro acumulado ou com os seus bens materiais. Para eles o que importa é a felicidade individual de modo que o outro, particularmente os mais pobres, são considerados um "resto", passível de ser descartado à semelhança do lixo produzido pela demanda de consumo, pois a posse dos bens e o bem-estar estão acima de qualquer renúncia pulsional.

Embora Jesus pareça não se declarar contra a riqueza ele a encara com ressalvas, compreende que o acúmulo de riquezas é uma insensatez, pois a riqueza tende a excluir as relações com Deus e com o semelhante. O que Jesus quer é que as pessoas reconheçam que a vida não é definida pelo que elas têm, mas pelo amor a Deus, ao próximo, a si mesmas, zelando pelo meio no qual todos vivem, conscientes de que necessitam dele para que a vida continue sendo vida.

2 O ponto de partida

Ao final do capítulo 9 do Evangelho segundo Lucas há uma virada radical na narrativa, inicia-se uma catequese extraordinária sobre a vida cristã, na qual apresenta-se a ideia do caminho percorrido por Jesus, desde a Galileia até a consumação do seu projeto em

Jerusalém (Lc 9,51). A pedagogia de Jesus ao longo da viagem missionária se consolidará nos encontros singulares com pessoas de todas as classes sociais que serão convocadas à conversão pessoal e comunitária.

Essa região, percorrida por Jesus, era um lugar de muitos contrastes sociais, com muita riqueza, mas também com muita pobreza, pois o excesso dos impostos tornava a vida dos comerciantes e agricultores cada vez mais próxima da miséria. "Dentre essas famílias de agricultores é que eram recrutados os insurretos, e, dentre este povo descontente, saíram os discípulos de Jesus, assim como as multidões que o acompanhavam" (FRAIJÓ, 1985, p. 54).

Há clima para o desenvolvimento de um ministério profético como o de Jesus, considerando por um lado o aspecto político e social da sua missão, e por outro a apresentação da postura de Jesus como um "mestre" que ensina na sinagoga, posicionando-se de modo diferente dos outros "rabis", por isso a importância de o seu primeiro discurso se dar numa sinagoga no dia de sábado (Lc 4,16-22), pois ou outros mestres, "esses rabis, compuseram maiormente o movimento dos fariseus sempre presentes na caminhada missionária de Jesus e foram elementos-chave no conflito que marca de modo constante o ministério de Jesus (Lc 5,21; 6,2; 7,30)" (LOCKMANN, 2009, p. 78).

A missão de Jesus parte de um programa anunciado que estará em constante movimento desde a Galileia até a consumação do projeto de salvação em Jerusalém. A história da salvação, para Lucas, vai se expressar na narrativa em forma da uma grande viagem e é nesse caminhar em movimento que Jesus fará o seu ensinamento: "Mas hoje, amanhã e depois de amanhã, devo prosseguir o meu caminho, pois não convém que um profeta pereça fora de Jerusalém" (Lc 13,33).

> A chamada viagem é, pois, uma elaboração redacional intencional. Com isso, fica demonstrado o caráter secundário para as investigações interessadas no meramente histórico: A tensão entre a forma e os materiais não nos serve para 'impugnar' a viagem, senão para realizar a cristologia de Lucas [...]. A consciência da paixão de Jesus é expressa como uma viagem (CONZELMANN, 1974, p. 93).

Descreve Lucas que a firme decisão de Jesus de "subir para Jerusalém" (Lc 9,51), adquire seu significado total na consumação da missão quando de sua paixão, morte e ressurreição. A descrição dos eventos ao longo do caminho é considerada a parte mais original do texto de Lucas.

Dentre tantos relatos destes encontros, encontra-se a história desse "alguém", uma pessoa anônima que surge do meio da multidão e faz um apelo a Jesus: "'Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a herança'. Ao que Ele respondeu: 'Homem, quem me estabeleceu juiz ou árbitro da vossa partilha?'" (Lc 12,13-14).

Os versículos iniciais apresentam o encontro de Jesus com uma situação propícia para o ensinamento catequético, servem como um "gatilho" para a parábola que será narrada. Os versículos 13-14 constituem um breve apotegma[1] que abre espaço para "a história exemplar que Jesus irá contar" (BOVON, 2012, p. 335).

[1] Apotegma é um termo que deriva do vocábulo grego *apophthegma*. Um apotegma é um ditado breve e sentencioso, que inclui um conteúdo moral que pretende dar uma lição (APOTEGMA, 2021).

O que foi que motivou esse "alguém" a dirigir-se a Jesus? O direito para os hebreus regulamentava que uma herança deveria permanecer como um todo, sem ser repartida de modo que os herdeiros pudessem usufruir em comum. O filho mais velho, primogênito, possuía o direito natural de administrar, provendo o bem de todos os outros herdeiros inclusive da viúva, ou viúvas.

Todavia, um dos herdeiros poderia pedir em qualquer momento, que fosse realizada a divisão dos bens, como foi o caso da parábola do filho pródigo (Lc 15,11-32). Porém, neste caso, do texto em análise, parece que o pai está morto e que o irmão mais novo pede, por direito, a divisão dos bens, contudo, o primogênito tem se negado a fazê-lo.

Da multidão que segue Jesus surge essa voz que recorre a Jesus como Mestre, ou seja, que "recorre a um árbitro, um experiente, a um reconciliador, para dividir o pleito. Parece que se autorizava aos rabinos solucionar esses casos (com efeito, o anônimo se dirige a Jesus como 'mestre')" (BOVON, 2012, p. 340).

A resposta de Jesus para essa empreitada é incisiva e ele se recusa a ser juiz desta peleja. O tom de suas palavras revela veementemente que ele crê não ter sido capacitado por Deus para essa missão, por isso responde: "Homem, quem me estabeleceu juiz ou árbitro da vossa partilha?" (Lc 12,13), pois "sabe que não deve ser um juiz e mediador no pleito da repartição de um patrimônio, mas sim do amor fraterno" (AMBRÓSIO, 2016, p. 290).

Jesus responde com força em suas palavras, pois não se tratava de uma simples partilha, mas compreendeu que a pessoa que pedia que se dividisse os bens da herança o fazia para o seu próprio benefício.

O que o evangelista se propõe com essa narrativa é "ensinar os recém-convertidos a considerar seus bens na perspectiva do Reino. Participar do Reino é saber repartir nossos ganhos e nossos bens" (BOVON, 2012, p. 341). A situação social e a injustiça econômica são os motivos pelos quais Lucas apresenta Jesus em ações comprometidas em favor dos pobres.

Em Lucas, os destinatários do anúncio do Evangelho são os pobres e, ao mesmo tempo, o evangelista apresenta Jesus em situações de críticas veementes aos ricos e suas riquezas. Os destinatários deste anúncio são as comunidades cristãs espalhadas por todo o Império Romano, caracterizadas como:

> a) Comunidades urbanas, diferentes das comunidades rurais da Palestina. A palavra 'cidade' aparece 40 vezes em Lucas, enquanto em Mateus aparece 26 vezes e em Marcos apenas oito vezes. No livro dos Atos, Paulo anda de cidade em cidade.
> b) Comunidades nas quais participam ricos e pobres. Lucas é o único que narra a conversão de Zaqueu, que era rico (19,1-10), e é veemente em apontar os perigos da riqueza, insistindo na necessidade de se desfazer dela e de dar esmolas (3,11; 5,11.28; 6,30; 11,41; 12,33-34; 14,13.33; 16,9; 18,22; 19,8). O flagrante contraste de pobres e ricos é enfatizado nas bem-aventuranças e maldições, que são uma interpelação direta aos ouvintes (6,20-26), e na parábola do pobre Lázaro (16,19-31).
> c) Comunidades em que há cristãos que se converteram, mas continuaram ligados às instituições do Império (7,1-10). Publicanos e soldados acorrem à pregação de João Batista (3,12-14). Lucas não quer criar problemas com o Império que já está perseguindo os cristãos. Só no seu Evangelho, Jesus, antes de morrer, pede perdão ao Pai por aqueles que o condenaram, 'porque não sabem o que fazem' (23,34).
> d) Em Lucas, Jesus dá especial atenção às mulheres (7,36-50; 8,1-3; 10,38-42; 13,17; 15,8-10). Isto é muito significativo numa época em que a mulher

> era marginalizada e não contava. Contudo tinham uma presença marcante nas igrejas que se reuniam nas casas.
> (EVANGELHO..., 2005, p. 48-49).

Esse quadro dos destinatários, composto por homens e mulheres pobres e excluídos do sistema vigente, faz perceber a multidão de gente que sofre as consequências do desejo humano pela riqueza, ação que torna as pessoas obstinadamente resistentes a qualquer transformação da vida.

Lucas é insistente neste tema ao longo de toda a narrativa. Apresenta Jesus questionando: "Com efeito, que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder ou arruinar a si mesmo?" (Lc 9,25). Antes já havia afirmado que a riqueza pode alienar os ricos de uma vida com Deus, destino que os pobres não têm, pois ensina: "Felizes vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus" (Lc 6,20).

Esta não é uma promessa de recompensa apenas para a vida futura, mas é uma declaração para o momento presente, pois os pobres não têm riquezas que os impeçam para o amor a Deus, por isso o alerta de que "ai de vós, os ricos, porque já tendes a vossa consolação" (Lc 6,24).

Enfim, esse "gatilho" introdutório é para apresentar Jesus que, segundo Lucas, nega uma justiça humana que não esteja ligada às implicações do Reino, "Jesus quer que as coisas sejam compartilhadas e não divididas" (BOVON, 2012, p. 342).

E Jesus conclui no v.15 com um ensinamento que antecipa a parábola afirmando: "Precavei-vos cuidadosamente de qualquer cupidez, pois, mesmo na abundância, a vida do homem não é assegurada por seus bens". É um versículo de transição, mas bastante importante porque anuncia o tema central que será tratado na parábola, a saber: que nenhum bem material em quantidade ou qualidade dá garantia para vida. É a resposta ao anônimo que solicita a intervenção de Jesus para a divisão dos bens, ao mesmo tempo que abre espaço para o ensinamento que Jesus fará à frente no relato sobre os projetos do rico insensato.

3 A parábola

Propõe-se para o texto de Lc 12,13-21 a seguinte estrutura:

a. Apotegma – "Alguém da multidão..." (Lc 12,13-15);
b. Introdução – "E contou-lhes uma parábola...; e pensava dentro de si..." (Lc 12,16-17);
c. Solilóquio[2] – "Depois pensou: 'já sei o que farei...'" (Lc 12,18-19);
d. Desfecho – "Mas Deus disse..." (Lc 12,20);
e. Moral – "Assim acontece..." (Lc 12,21).

[2] Ato de alguém conversar consigo próprio; recurso dramático ou literário que consiste em verbalizar, na primeira pessoa, aquilo que se passa na consciência de um personagem (opõe-se ao monólogo interior, porque o personagem, no solilóquio, articula os seus pensamentos de forma lógica, coerente) (SOLILÓQUIO, 2021).

Após a advertência em Lc 12,15 – "precavei-vos cuidadosamente" – Jesus conta uma parábola (Lc 12,13-21), retomando o tema e o ensinamento acerca da riqueza.

A parábola em questão é uma pequena narrativa de 6 versículos que se vale do recurso da alegoria com a finalidade de transmitir uma lição moral. A parábola, gênero comum na literatura oriental foi um recurso muito utilizado por Jesus, consiste em contar uma história que pretende aprofundar algum ensinamento para a vida, o texto geralmente vem carregado de simbolismo em que cada elemento da narrativa possui uma significação específica.

"E contou-lhes uma parábola: 'A terra de um rico produziu muito. Ele, então, refletia: 'Que hei de fazer? Não tenho onde guardar minha colheita" (Lc 12,16-17). "Um homem rico e sua terra" é a frase com as informações que abrem a parábola. Esses elementos são próprios da literatura sapiencial e popular, bem como das fábulas ou parábolas. O objetivo é situar o leitor sobre que tipo de pessoa o texto fará referência.

Esse homem era um agricultor rico. Brevemente a parábola esclarece que ele se encontra numa boa situação de vida do ponto de vista econômico, pois a terra naquele ano havia produzido e produzido muito, ou seja, os negócios estavam prósperos, nada de repreensível até então.

Diante do crescimento de seus bens o agricultor refletia: "Que hei de fazer? Não tenho onde guardar minha colheita" (Lc 12,17). A parábola destaca um homem com os seus questionamentos interiores, esse elemento é bem significativo, pois esse solilóquio interior revela características importantes do caráter do personagem, ou seja, suas preocupações e intenções interiores revelam quem ele é na intimidade do seu ser.

Tal recurso, de apresentar alguém questionando suas decisões, desperta o interesse do ouvinte, pois se deseja saber qual será a solução que o personagem encontrará para sua dúvida interior. Há um problema que o personagem da história precisa resolver: "Não tenho onde guardar minha colheita. O que hei de fazer" (Lc 12,17). A questão o projeta para o futuro e então vem a resposta e, com ela, a tomada de decisão: "Depois pensou: 'Eis o que farei: demolirei meus celeiros, construirei maiores, e lá recolherei todo o meu trigo e os meus bens'" (Lc 12,18).

Até aqui nada de mau, aparentemente, pois o cultivo dos campos para sobrevivência humana, de imediato não revela nenhuma falta ou pecado, assim como a terra ter produzido muito bem naquela colheita, nada de errado com essa questão.

A discussão do problema parece não estar fora, mas sim dentro, pois começa a descortinar as reais intenções do agricultor e que tipo de pensamentos povoam o seu coração.

O seu projeto consiste em demolir o que já possuía e construir armazéns ainda maiores para um único fim: guardar, acumular o que a terra produziu, bem como os outros bens que já havia conquistado. Pode-se observar o tom de posse ao final da frase: "o meu trigo" e "os meus bens", note-se que "em seus lábios, o acento recai na propriedade" (BOVON, 2012, p. 348).

Seus devaneios internos atingem o ápice quando afirma para si mesmo: "'E direi à minha alma: 'Minha alma, tens uma quantidade de bens em reserva para muitos anos; repousa, come, bebe, regala-te'" (Lc 12,19). O uso de seus bens será exclusivamente hedonista e narcisista, características próprias de quem está mergulhado nas próprias pulsões, num egoísmo mortífero.

A sua relação é exclusivamente voltada para com os seus bens, ele deseja acumular e, "aquele homem não é consciente de sua solidão" (BOVON, 2012, p. 349). Nem sequer a sua alma quando se refere a ela é entendida como um presente dado por Deus. Para ele a alma é referência à sua relação narcisista, como num espelho, ele faz laço consigo mesmo

e com os seus bens, ele encontra-se ensimesmado. Não possui relações, não existem pessoas em sua vida para partilhar, não há diálogo ou laços fraternos.

O seu gozo, que neste caso é mortífero, consiste num programa de vida sem esperança de um porvir: "repousa, come, bebe, regala-te" (Lc 12,19). É um imperativo a mergulhar numa vida de completo abandono às paixões, inclusive faltou-lhe chegar ao cúmulo da avareza, ou seja, "quando um homem rediz o seu testamento e coloca como nome de herdeiro o seu próprio nome. Nosso rico perderá seus bens e não terá herdeiros, uma grande desgraça para a mentalidade hebreia" (BOVON, 2012, p. 351).

Chega-se então ao desfecho da narrativa: "Mas Deus lhe diz: 'Insensato, nessa mesma noite ser-te-á reclamada a tua alma. E as coisas que acumulastes, de quem serão?'" (Lc 12,20).

Na Bíblia a palavra "tolo" ou "insensato" não se refere à pessoa com alguma descapacidade mental, mas sim a alguém que despreza a razão e procede com insensatez moral. Suas características são opostas às do sábio que procura a vida enquanto o insensato caminha para morte.

Os insensatos se deliciam com o jogo da maldade, pois "É um jogo para o insensato entregar-se do crime" (Pr 10,23); eles são autossuficientes, recusando-se a reconhecer a bondade e a misericórdia de Deus e se negam a ouvir os conselhos dos outros: "O caminho do insensato é reto aos seus próprios olhos, mas o sábio escuta o conselho" (Pr 12,15); os insensatos negam a Deus e se tornam corrompidos: "Diz o insensato em seu coração: 'Deus não existe!' Suas ações são corrompidas e abomináveis: ninguém age bem" (Sl 14,1).

E ainda são muitas as passagens do AT que fazem referência às atitudes do insensato e suas consequências (Pr 26,3-12). Contudo, o fim mais drástico para o insensato é a morte: "Insensatos, no caminho da transgressão, eram afligidos por suas iniquidades. Rejeitavam qualquer alimento e já batiam às portas da morte" (Sl 107,18-19). Nesta parábola a morte foi o fim para o agricultor: "Insensato, nesta mesma noite ser-te-á reclamada a alma" (Lc 12,20).

A moral nesse ensinamento é muito precisa da parte de Jesus: "Assim acontece àquele que ajunta tesouros para si mesmo, mas não é rico diante de Deus" (Lc 12,21), pois "ser rico diante de Deus é amar a virtude mais que a riqueza e crer que todas as coisas as recebemos de Deus, incluso a vida e a salvação" (CIRILO DE ALEXANDRIA, 2016, p. 289).

A conclusão da parábola se dá com uma expressão um tanto enigmática, pois se deve enriquecer, antes de tudo, de Deus. Contudo, ela será esclarecida em Lc 12,33-34: "Vendei vossos bens e dai esmola... um tesouro inesgotável nos céus, pois onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração", pois "as obras de caridade para com o próximo são o autêntico tesouro" (VIANA, 2009, p. 222).

Desde o momento em que é anunciada a subida de Jesus para Jerusalém (Lc 9,51), a Mensagem anunciada pelo caminho está centrada no valor do Reino que se desvela como a verdadeira riqueza da humanidade. O Reino é o verdadeiro tesouro e a verdadeira riqueza diante de Deus.

Até aqui foram apresentados elementos reflexivos que são fruto da análise do texto. Contudo, a parábola não se esgota em seu potencial de atualização, tampouco o tema ou temas abordados, deixando sempre ao leitor que complete as lacunas da narrativa com seu repertório próprio de vida, pois, tal como afirmam Catenassi e Perondi (2019, p. 341), "essa resposta do leitor é fundamental para que a narrativa seja completada".

4 Os verdadeiros ricos diante de Deus

As ideias messiânicas no período intertestamentário se estabeleciam em várias vertentes, difíceis de serem precisadas, mas passíveis de serem localizadas. É interessante notar que, embora Jesus necessariamente não negue a expectativa messiânica do povo judaico, a sua proposta é inovadora, em Lucas Ele é apresentado como o Messias Ungido com uma visão messiânica que abarca um grande projeto libertador cujos primeiros destinatários são os pobres, por isso a sua crítica aos ricos e às riquezas.

Na narrativa lucana a missão de Jesus não consiste num fim apocalítico ou numa transformação angelical de todas as pessoas. A evangelização é apresentada como um processo crescente de conversão, mas a partir dos pobres da Galileia, os primeiros destinatários. O anúncio da Boa-notícia em Lucas "tem uma perspectiva clara: mostra que a nova história pode ser construída pelos pequeninos [...], pode ser construída pelos pobres" (FERREIRA, 2012, p. 161).

O verbo "evangelizar" pode-se dizer que é de uso quase exclusivo de Lucas no Evangelho e em Atos. O diferencial em Lucas é a associação do anúncio da Boa-notícia com as obras de Cristo, tornando-se Ele mesmo o mensageiro e a mensagem, com um programa de evangelização direcionado para os pobres, "todos os pobres da terra, considerados em sua situação concreta de miséria e de sofrimento" (CASALEGNO, 2003, p. 156).

O ministério de Jesus possui um esquema programático em que que os destinatários da Boa-notícia são particularmente quatro grupos: os oprimidos, os cegos, os presos e em primeiro lugar, os pobres.

Os "pobres" são entendidos no discurso de Lucas como aqueles desprovidos de qualquer recurso material, mas também aqueles que sofrem coerção e dominação, pois uma vez dominados e oprimidos pela estrutura vigente estavam à mercê e sujeitos a toda sorte de humilhação.

No grego,

> *Ptōchós* como um adjetivo significa "necessitado", "mendicante". *Ptōcheúō* no transitivo significa "suplicar a alguém"; no intransitivo, "estar desamparado", "viver a vida de um mendigo". *Ptōcheía* significa "destituição". "Mendicância". É digno de nota que em distinção a *pénēs*, que se refere àqueles que são pobres e que precisam trabalhar para sobreviver, o grupo *ptōchós* se refere à pobreza total que leva as pessoas à mendicância (KITTEL, 2013, p. 339-340).

Lucas retoma o tema da esperança colocando em primeiro lugar "os pobres", pois esse grupo social estará em destaque na sua narrativa e serão sempre os primeiros a receberem a Boa-notícia do Reino.

> Quando Jesus anuncia seu projeto, na sinagoga de Nazaré (4,16-21), ao fazer a leitura do profeta Isaías (61,1-2), há uma preferência pelos pobres a quem será anunciada a boa nova, a recuperação da vista aos cegos e a proclamação da liberdade aos presos e oprimidos, para então concluir com o anúncio do ano da graça de Deus. Jesus atualiza o texto: 'Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos esta passagem da Escritura.' (4,21). Este será o seu agir misericordioso tanto no anúncio como na sua prática a serviço do Reino (PERONDI, 2017, p. 73).

Em Lc 6,20 o autor enfatiza que os pobres ganham em herança o Reino de Deus. Em Lc 7,22, "[...] e aos pobres é anunciado o Evangelho", foi uma resposta à pergunta de João Batista: "És tu aquele que há de vir ou devemos esperar outro?" (Lc 7,19), que coloca em relevo que, de fato, o Evangelho se dirige especialmente para os pobres. No texto de Lc 14,13, no contexto referente ao banquete escatológico, os pobres são citados como os que devem ser convidados para uma festa, em oposição aos ricos que também receberam o convite, porém optam por não participar, pois ocupados estão com seus bens materiais.

Outro contraste aparece em Lc 16,20, quando é apresentado um pobre de nome Lázaro e um rico, sem nome. O pobre é apresentado como "recipiente da graça divina" (KITTEL, 2013, p. 343) e, por sua vez o rico, "por seu egocentrismo, está inescapavelmente alienado de Deus" (KITTEL, 2013, p. 343).

Lucas opõem "pobreza" versus "riqueza" em 19,8 na narrativa em que o rico Zaqueu tem sua vida transformada após o encontro com Jesus, manifestando uma extraordinária generosidade em favor dos pobres. Pois para Lucas, Deus que pode fazer tudo – "As coisas impossíveis aos homens são possíveis a Deus" (Lc 18,27) – e pode trazer salvação aos ricos por Jesus, como no caso do coletor de impostos, Zaqueu, o rico que aprendeu a compartilhar (Lc 19,1-10).

No contexto de Lc 18,22 a exigência de Jesus: "só uma coisa te falta: vende tudo o que tens, distribui aos pobres e terás um tesouro nos céus", denuncia toda uma classe religiosa que procura observar os preceitos da religião, porém deixa de lado o cuidado com seu semelhante que está em condição de pobreza.

E ainda Lc 21,3, que faz alusão à viúva que em sua pobreza doou tudo o que possuía, seu gesto é de total entrega e confiança, mais uma vez em contraste com os ricos que confiam mais em seus bens do que na graça de Deus.

Os exemplos serão muitos ao longo do Evangelho para explicitar a ideia lucana de relação e dependência entre: o messias ungido do Senhor, a evangelização e os destinatários. Há conectividade entre esses elementos de modo que seria uma contradição mencionar um sem referir-se ao outro.

No caso da parábola do rico insensato, o modo como o personagem se relaciona com os bens materiais possui desdobramentos semânticos e tocam a ferida da humanidade, pois o desejo pelo acúmulo dos bens torna o homem mesquinho, egoísta, incapaz de estar atento ao mundo que o cerca, "o insensato usa os termos 'eu' e 'meu', seus interesses egoístas eliminam Deus e o próximo do horizonte" (KARRIS, 2018, p. 275), essa é a grande ferida da humanidade também atualmente.

Ao longo de todo o Evangelho segundo Lucas deseja-se elaborar uma catequese que atinja o coração dos seus interlocutores para que sejam uma comunidade unida, fraterna, em que os bens sejam partilhados e todos tenham a chance de viver uma vida com dignidade. Rico diante de Deus não é aquele que possui bens acumulados, mas aquele que os possui e sabe repartir.

5 Considerações finais

A parábola narrada em Lc 12,13-21, partiu de uma queixa feita a Jesus. Um certo "alguém" do meio da multidão pediu a Jesus para que intercedesse ao irmão que repartisse a herança.

O fato levou Jesus a contar uma parábola segundo a qual um agricultor rico, personagem principal da trama, após um grande sucesso num tempo de colheita, decidiu guardar

para si, acumular em seleiros os seus bens. O desfecho do feito não saiu como agricultor planejara, pois ao invés de aproveitar o que acumulara, naquela mesma noite sua vida cessou com a morte.

Sabe-se que a forma primordial da riqueza é a mercadoria, ou seja, a sua *mais valia* ou *menos valia* e isso não dependendo necessariamente da matéria prima em si, mas do valor discursivo agregado.

O que se quer afirmar é que as coisas possuem o valor que a elas é atribuído. Desse modo, toda mercadoria deve possuir valor de uso, satisfazendo às necessidades dos sujeitos em um grupo social particular, e essa é a lógica do capitalismo.

Na cultura atual, superada a fase da produção em grande quantidade, o sujeito imerso no universo do consumo, tornou-se ele mesmo uma espécie de mercadoria, objeto passível de ser comprado, vendido, negociado e exposto ao "marketing", à propaganda. Como consequência dessa dinâmica, o imperativo do capitalismo ordena "gozar" e obriga o sujeito à celeridade, impondo sempre o novo, pois o velho é descartável. Portanto, pede-se, ou "repede-se" o novo, numa cadeia ao infinito.

Por sua lógica interna o capitalismo fomenta nos sujeitos uma falta incessante, uma insatisfação constante, ou seja, os objetos tendem a produzir uma fruição curta e rápida, de modo que hoje tudo deve ser provisório e instantâneo para que se possa experimentar algo novo o quanto antes.

A sociedade do consumo coloca à disposição do sujeito uma quantidade infinita de "quinquilharias" que na maioria das vezes são compradas para serem acumuladas, nem sequer o sujeito sabe por que comprou, uma vez que as adquire tamponar um vazio existencial.

Então a vida útil dos objetos precisa ser limitada, isso é típico do capitalismo, pois uma oferta nova e sempre crescente de mercadorias deve corresponder uma demanda sempre renovada. A consequência é que a mercadoria já chega ao mercado "natimorta", encontra-se relegada a ser apenas um momento de um processo em que o consumidor deve devorá-la para logo em seguida desdenhá-la. Perdeu-se a arte de desfrutar, de demorar-se, de sentir o aroma, o sabor, o frescor, tudo tornou-se instantâneo e efêmero.

Na atualidade, a máxima atrocidade a que está assujeitado o sujeito é a ilusão de poder capturar o "objeto perdido" na dimensão do tempo, no qual a vontade de possuir é substituída pelo desejo, reduzindo toda a existência ao instante, sem passado e sem futuro de modo que, o consumismo atual não tem como objetivo a gratificação de algum desejo subjetivo, senão a produção do "individuo da posse".

A obsessão de consumo é tamanha a ponto de sujeitos passarem a interpretar-se a si próprios como mercadoria no sentido de algo para ser usado e descartado. Por isso o bom funcionamento da coleta de lixo na sociedade de consumo necessita ser algo muito bem articulado e rápido, para que a lembrança do que foi consumido fique o quanto antes no passado. Já é comum as relações interpessoais serem tratadas desse modo também.

Obviamente que não se pode parar tudo isso de uma hora para outra. Os tempos mudaram e evoluíram e muitos são os benefícios trazidos pela evolução tecnológica alcançados pela humanidade. Contudo, há de se fazer tudo isso com responsabilidade e sobretudo na partilha de modo que os laços se concretizem entre as pessoas e não entre as pessoas e os objetos.

Todos têm direito a usufruir de todo esse desenvolvimento tecnológico, pois assim como o ser humano é inteligente para criar e aperfeiçoar, também o é para tomar consciência da quantidade de bens que são acumulados e terminam no lixo, tudo porque a quantidade de acumulados nas mãos de uns poucos não favorece o aproveitamento, uns têm

tanto e muitos nada possuem. No fim, nem mesmo os supostos "donos" usufruem, pois não terão vida suficiente para tanto.

A parábola do homem insensato é muito atual e dialoga com o tempo presente, pois ainda são muitos os que são ricos para si, mas não o são diante de Deus. Quando o ser humano se desconecta de sua relação com Deus, ultima por perder o sentido da existência. Desconectar-se de Deus também é desconectar-se de si mesmo e de suas relações com o próximo bem como com o mundo que o cerca.

O que foi mais chocante na parábola do agricultor rico é que ele era solitário, não tinha ninguém com quem dividir as alegrias da vida e, mesmo após e sua morte, não havia para quem deixar a sua herança.

Observou-se que a melhor e a maior herança de uma pessoa não são os seus bens materiais, mas sim os laços que foi capaz de construir em suas relações ao longo de sua vida.

Referências

AMBRÓSIO. Exposición sobre el Ev. de Lucas, 7,122. *In:* JUST, Arthur A. *La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia.* Nuevo Testamento 3. Evangélico Según San Lucas. Madrid: Ciudad Nueva, 2016. p. 290.

APOTEGMA. Disponível em: https://conceito.de/apotegmaconceito.de/apotegma. Acesso em: 10 nov. 2021.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém.* São Paulo: Paulus, 2013.

BOVON, François. *El Evangelio Según San Lucas: Lc 9,51-14,35.* Vol. II. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2012. v. 2.

CASALEGNO, Alberto. *Lucas*: a caminho com Jesus Missionário. São Paulo: Loyola, 2003.

CATENASSI, Fabrizio Zandonadi; PERONDI, Ildo. Bíblia e ciências da linguagem: recursos literários e cenas-tipo no Evangelho de Lucas. *Teoliterária*. São Paulo, v. 9. n. 17. p. 337-358. jan./dez. 2019.

CIRILO DE ALEXANDRIA. Comentario al Ev. de Lucas. *In:* JUST, Arthur A. *La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia.* Nuevo Testamento 3. Evangélico Según San Lucas. Madrid: Ciudad Nueva, 2016. p. 289.

CONZELMANN, H. *El Centro del Tiempo.* Madrid: Fax, 1974.

EVANGELHO de Lucas e Atos dos Apóstolos. 4. ed. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2005.

FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os Marginalizados:* uma Leitura Conflitual do Novo Testamento. Goiânia: Ed. UCG, 2012.

FITZMYER, J. A. *El Evangelio Segun Lucas.* Madrid: Cristiandad, 1987.

FRAIJÓ, Manuel. *Jesús y los Marginados.* Madrid: Cristiandad, 1985.

KARRIS, Robert J. O Evangelho Segundo Lucas. *In:* BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo.* Novo Testamento e Artigos Sistemáticos. São Paulo: Paulus, 2018. p. 217-308.

KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento.* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013.

LOCKMANN, Paulo Tarso de Oliveira. *O Interlucano:* a narrativa da viagem a Jerusalém em Lc 9.51-19.48. 2009. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: PUC Rio, 2009.

PERONDI, Ildo. Lucas: o evangelho da misericórdia. *Caminhos de Diálogo,* Curitiba, v. 5, n. 7, p. 72-81, jan./dez. 2017.

SOLILÓQUIO. Disponível em: https://linguagens.oup.com/google-dictionary/pt. Acesso em 12 nov. 2021.

VIANA, Luiz Fernando Garcia. *Evangelho Segundo São Lucas. In:* COMENTÁRIO ao Novo Testamento III. São Paulo: Ave-Maria, 2009. p. 181-257.